

Orlando ou um outro aprendizado do corpo

Maria Rita de Assis César¹

Resumo: Este trabalho dialoga com a ‘biografia’ de Orlando, de Virginia Woolf, com o objetivo de explorar as possibilidades de um corpo que não está demarcado no interior das fronteiras do sistema sexo-gênero. Para este diálogo contemporâneo com a obra serão abordados conceitos oriundos das obras de Michel Foucault, especialmente sobre o dispositivo da sexualidade. Além das teorizações foucaultianas, também serão realizados diálogos com autores/as como Judith Butler, a respeito da crítica ao sistema corpo-sexo-gênero. Butler inspirada por Foucault teoriza sobre os corpos que escapam aos sistemas sexuais normativos, denominados pela autora de heteronormatividade. Desse modo, Orlando e os outros corpos que escapam, em especial transexuais e travestis, podem ser tomados como corpos que resistem aos sistemas normativos, corpos que produzem formas mais livres e libertárias de entender corpo, sexo e gênero.

Palavras-chave: dispositivo da sexualidade; heteronormatividade; transexualidade

Abstract: This paper dialogues with Virginia Woolf’s ‘biography’ of Orlando and intends to explore the possibilities of a body that is not enclosed into the frontiers of the sex-gender system. In order to proceed in this dialogue, I shall approach the matter through Michel Foucault’s concept of the dispositive of sexuality and Judith Butler’s criticisms towards the body-sex-gender system. Inspired by Foucault, Butler theorizes those bodies that escape normative sexual systems, called by her as heteronormativity. Under such theoretical approach, Orlando’s body as well as other bodies that escape, such as those from transsexuals and transgenders, can be taken as bodies that resist to normative systems, bodies that produce other libertarian ways to conceive body, sex and gender.

Key-words: sexuality’s dispositive; heteronormativity; transexuality

O sistema sexo-corpo-gênero

Em seu livro *História de Sexualidade vol.1. A vontade de saber* (1984), Michel Foucault colocou em xeque a idéia de sexualidade que atravessou o século XX como o elemento organizador das subjetividades. Com a reelaboração do conceito de sexualidade como um dispositivo disciplinar e biopolítico, Michel Foucault demonstrou o caráter histórico da produção da sexualidade ao longo do século XIX, além do seu funcionamento na ordenação de um sistema instituído sobre a premissa do sexo-desejo. Nesse momento da história os corpos e as práticas eróticas de crianças, mulheres, rapazes e mesmo do casal foram esquadrihados para o estabelecimento da fronteira entre normalidade e patologia, em uma operação que fundiu os discursos médico, jurídico e governamental. (FOUCAULT,

¹ Professora do Departamento de Teoria e Prática de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

1984: 29) A nomeação dos sujeitos procedeu de uma engenharia conceitual e institucional em vista da qual os corpos foram separados e escrutinados à exaustão, além de realizada uma classificação minuciosa das práticas sexuais que, por sua vez, foram separadas entre práticas lícitas e ilícitas, ou normais e anormais.

Ampliando essa discussão podemos perguntar sobre a ação do dispositivo da sexualidade na constituição do sistema sexo-corpo-gênero. Embora seja necessária a mobilização de outros conceitos e autoras, esta é uma questão que inicialmente pode ser analisada por meio do dispositivo da sexualidade, tal como pensado por Foucault. A primeira parte desta interrogação, isto é, a constituição do dispositivo da sexualidade, diz respeito à constituição dos novos sujeitos que irão habitar os porões, não necessariamente mal iluminados, da sociedade da segunda metade do século XIX. Michel Foucault delimitou a produção de quatro novas subjetividades produzidas no âmbito do dispositivo da sexualidade: a criança masturbadora, a mulher histérica, o jovem homossexual e o casal não maltusiano. Essas quatro figuras dizem respeito não somente às práticas e desejos sexuais classificados no exterior de uma sexualidade legítima. (FOUCAULT, 1984: 47) Para além dessa classificação, é de fundamental importância a produção de subjetividades específicas, dentre as quais, para a presente análise, recortamos a figura do homossexual, ou, melhor dizendo, o sujeito homossexual produzido por meio do discurso médico. Segundo Foucault:

Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e nova especificação dos indivíduos. A sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presentes nele todo: subjacente a todas as suas condutas já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre como natureza singular. (FOUCAULT, 1984: 43)

O autor ressalta que o famoso artigo de 1879 escrito pelo médico alemão Westphal, no qual descreve as “sensações contrárias”, pode ser considerado como a data de nascimento do sujeito homossexual. Nesse artigo, a homossexualidade foi descrita como uma categoria psicológica, psiquiátrica e médica. Para Foucault:

A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androginia inferior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 1984: 43-44)

No curso de 1975 proferido no *Collège de France, Os anormais* (2001), Foucault trouxe à luz uma série de ‘casos’ de hermafroditas. Para Foucault, é possível traçar uma genealogia dos hermafroditas a partir da análise das distintas formas de abordagem desses indivíduos ao longo de quatro séculos. No século XVIII, após a identificação de que um mesmo indivíduo portava os dois sexos em um mesmo corpo, então este indivíduo poderia escolher entre um dos dois sexos. O importante era a proibição da sodomia, em vista da qual haveria a condenação jurídica, que poderia levar à pena de morte. (FOUCAULT, 2001: 93)

Foucault analisou uma literatura médico-jurídica sobre hermafroditas entre os séculos XVI e XIX que é farta e rica no detalhamento quanto aos exames dos corpos e as penalidades aplicadas. No transcurso daquele período, o que o autor percebeu foi um deslocamento em relação à abordagem da questão, isto é, o/a hermafrodita deixava de ser tomado/a como um monstro da natureza e passava a ser tomado/a como um caso médico, uma anormalidade anatômica e fisiológica e, sobretudo, um caso que não estaria fora da natureza, mas que se tornaria uma monstruosidade de caráter que iria aproximá-lo da criminalidade. (FOUCAULT, 2001: 93) As condenações posteriores ao exame médico, a partir do século XVIII, possuem o sentido de uma reintegração ao sexo verdadeiro. Há uma enorme preocupação com a vestimenta, que deveria ser condizente com o sexo determinado pelo saber médico e, sobretudo, que o casamento fosse realizado com um indivíduo do sexo oposto.

Aquilo que se observa nessa longa jornada histórica em torno dos/as hermafroditas diz muito sobre a configuração do dispositivo da sexualidade, que se estabeleceu por completo no século XIX. O sexo não tolera qualquer dubiedade e se não houver correspondência entre o sexo e uma anatomia definida, então será necessária a produção de uma verdade médica que estabeleça a correta definição. Além disso, é fundamental a constituição de hábitos e vestimentas condizentes com a condição do sexo verdadeiro e, por fim, a união com o sexo oposto, única e exclusiva união matrimonial também verdadeira. Dessa forma, por meio da análise dos casos de hermafroditismo, Michel Foucault pôde descrever o funcionamento do dispositivo da sexualidade que produziu o sistema corpo-sexo-gênero entre os séculos XVIII e XIX.

Judith Butler, inspirada por Michel Foucault, retornará aos hermafroditas para desconstruir o sistema corpo-sexo-gênero. As suas análises sobre indivíduos hermafroditas cirurgicamente ‘corrigidos’ ao nascer demonstram uma importante continuidade com as práticas médicas do século XVIII. Esses indivíduos contemporâneos não são mais definidos como monstros a serem eliminados ou como criminosos, todavia, são indivíduos que perante o olhar médico necessitam de uma importante ‘correção’ por meio de intervenções cirúrgicas

realizadas logo ao nascer. (BUTLER, 2001: 19) O saber médico determina o sexo verdadeiro e a cirurgia é realizada para a retirada de qualquer vestígio do sexo invasor. Não é possível suportar a dubiedade anatômica, na medida em que isso também pode significar uma dubiedade do desejo. Somente é possível suportar um corpo que carregue um sexo que corresponda ao desejo correspondente ao sexo verdadeiro. Essa é a regra de ouro da heterossexualidade normativa. Por meio do funcionamento dos dispositivos, tanto da sexualidade, proposto por Foucault, quanto da heterossexualidade compulsória, de Butler, podemos interrogar os não tão novos sujeitos da normalização contemporânea e do sistema corpo-sexo-gênero, isto é, a experiência transexual.

Quem são estes corpos que habitam as margens do dispositivo da sexualidade? Transexuais e travestis apreendidos no interior dos dispositivos da sexualidade e da heteronormatividade são aqueles/as que Judith Butler chama de “corpos que não pesam” (Butler, 1999: 171), isto é, corpos que não valem, que não importam e que poderão ser descartados sem mais. Diferentemente dos/as hermafroditas, que serão corrigidos/as logo ao nascer, travestis e transexuais iniciam as transformações corporais na puberdade, momento em que são vítimas de variadas formas de exclusão e violência. Estes corpos, como observou Berenice Bento, podem ser:

[...] corpos pré-operados, pós-operados, hormonizados, depilados, retocados, siliconizados, maquiados. Corpos inconclusos, defeitos e refeitos, arquivos vivos de histórias de exclusão. Corpos que embaralham as fronteiras entre o natural e o artificial, entre o real e o fictício, e que denunciam, implícita ou explicitamente, que as normas de gênero não conseguem um consenso absoluto na vida social. (BENTO, 2006: 19-20)

Em *A reinvenção do corpo. Sexualidade e gênero na experiência transexual* (2006), importante pesquisa sobre a experiência transexual no Brasil e na Espanha, Berenice Bento analisou um conjunto de aspectos que produzem a experiência transexual, desde a sua inserção no Código Internacional de Doenças, em 1980, até as lutas de coletivos sociais pelos direitos de cidadania, além das experiências de entrevistadas/os que podem ser acolhidas no universo amplo da experiência transexual. Berenice Bento (2006) afirma que:

A experiência transexual é um dos desdobramentos do dispositivo da sexualidade, sendo possível observá-la como acontecimento histórico. No século XX, mais precisamente a partir de 1950, observa-se um saber sendo organizado em torno dessa experiência. A tarefa era construir um dispositivo específico que apontasse os sintomas e formulasse um diagnóstico para os/as transexuais. Como descobrir o “verdadeiro transexual”? (132).

Assim como Foucault e Butler, Bento também demonstra o ávido apetite do discurso médico em abocanhar a experiência transexual, produzindo-a como anomalia a ser tratada e, talvez, corrigida. A autora parte da tese da invenção da transexualidade a partir da segunda metade do século XX, encontrando no discurso médico todos os elos dessa cadeia de construção. As teses médicas, todas fortemente apoiadas no dispositivo da sexualidade, na heterossexualidade compulsória e no dimorfismo sexual, produziram protocolos para o diagnóstico do “verdadeiro transexual” (BENTO, 2006: 43), isto é, aquele ou aquela passível de submissão às cirurgias de retificação genital.

Assim, a experiência transexual é convertida em anomalia mental e, ao ser tomada como patologia após a execução de um longo protocolo médico-psicológico, concede o direito ao sujeito transexual da cirurgia de transgenitalização ou adequação sexual. Este protocolo está submetido ao sistema corpo-sexo-gênero e, sobretudo, à heterossexualidade normativa como possibilidade de prática sexual futura. O olhar médico irá tentar assegurar uma suficiente feminilidade ou masculinidade ao corpo que será submetido à cirurgia de adequação. Ao analisar algumas experiências transexuais antes da cirurgia, Judith Butler afirma que: “As investigações e as inspeções podem ser entendidas como a intenção violenta de implementar a norma e a institucionalização daquele poder de realização”. (BUTLER, 2006: 103)

Orlando e o outro aprendizado do corpo

Orlando é o personagem de quem Virginia Woolf empreende a ficção biográfica *Orlando* (2008), publicada em 1928 e dedicada a Victoria Sackville-West, uma escritora aristocrata e grande amor de Virginia Woolf (KNOPP, 1988: 24). Como se sabe, Orlando é um fidalgo que viveu na corte isabelina no século XVII e que, aos 30 anos, se transformou em uma mulher. A narrativa acompanha a vida de Orlando ao longo de três séculos, o que produz uma sensação de imortalidade que, no entanto, é refutada pelo/a personagem.

Orlando pode ser tomado como uma reflexão sobre a sexualidade vitoriana. (KAIVOLA, 1999: 238) O raiar do século XIX é narrado como a chegada de uma bruma úmida e fria que assola o Reino Unido, produzindo o recolhimento dos indivíduos e a transformação nos modos de habitar e vestir, além de modificações intensas nos modos de se relacionar com o sexo oposto. (WOOLF, 2008: 151) A importância do casamento, da fidelidade, dos filhos para a mulher, é exposta de maneira a interrogar os novos preceitos nascentes. Entretanto, o olhar de Orlando é sempre estrangeiro, ela/ele vem de uma

experiência de outros tempos, tempos que se sobrepõem e produzem formas inusitadas de reflexão sobre o presente.

Ainda como fidalgo do século XVII, Orlando se apaixona por uma figura que, à primeira vista, poderia ser tanto um rapaz como uma dama, Sacha, uma princesa russa de caráter independente e tempestuoso, uma mulher que tem modos e um vigor que não são próprios das damas nobres. (WOOLF, 2008: 29) Depois surge a arquiduquesa Griselda de Finster-Aarhorn que, apaixonada por Orlando, deixa-o desconfortável e confuso quanto ao amor, a ponto dele solicitar ao rei que o enviasse a Constantinopla como embaixador (WOOLF, 2008: 77). No decurso de uma revolução na Turquia, após um sono de muitos dias, Orlando despertou com um corpo de mulher.

Quando finalmente retorna à corte inglesa, já no século XVIII, Orlando é plenamente aceito na corte como mulher, mas resta uma pequena suspeita: ela se depara com processos nobiliários e judiciais que a acusavam de ter casado com uma mulher, da existência de filhos naturais e quanto a seu próprio sexo. Sem qualquer questionamento pessoal sobre sua atual condição, Orlando inicia um aprendizado do feminino, das roupas, sapatos, do modo de andar, das formas de resolver problemas sem valer-se da estocadas de espadas. Entretanto, a demarcação entre o masculino e o feminino é sempre dúbia e entendida por Orlando quase como pragmática. Assim, o/a ‘biógrafo/a’ de Orlando afirma que:

A mudança havia sido produzida sem sofrimento e completa, de tal modo que Orlando parecia não estranhar. Muita gente, a vista disso, e sustentando que a mudança de sexo é contra a natureza, esforçou-se em provar, primeiro: que Orlando sempre tinha sido mulher; segundo: que Orlando é, neste momento homem. Decidam-se biólogos e psicólogos. (WOOLF, 2008: 92)

Os amores de Orlando sempre deixavam alguma dúvida, primeiro Sacha, por quem Orlando se apaixonou antes mesmo de saber se se tratava de uma moça ou de um rapaz, depois a arquiduquesa Finster-Aarhorn, que mais tarde revelou-se como um arquiduque, que se apaixonou primeiro pelo Orlando-rapaz e depois pelo Orlando-mulher. Experimentando ambas as vestimentas, durante o dia os vestidos de brocado e à noite os trajes masculinos, Orlando despertava paixões em homens e mulheres. Vestida de homem ou de mulher, primeiramente não via qualquer diferença, mas com o passar do tempo experimentava sensações distintas como medo, timidez, destemor, vaidade, atribuindo ao vestuário a razão dessas diferenças. “Alguns filósofos diriam que a mudança de vestuário tinha muito a ver com isso. Embora parecendo simples frivolidades, as roupas, dizem eles, desempenham mais importante função que a de nos aquecerem, simplesmente. Elas mudam a nossa opinião a respeito do mundo, e a opinião do mundo a nosso respeito.” (WOOLF, 2008: 124) A voz de

Woolf pode ser escutada como uma contestação da opinião dos filósofos sobre a vestimenta.

Para Woolf-biógrafa:

A diferença entre os sexos tem, felizmente, um sentido muito profundo. As roupas são meros símbolos de alguma coisa profundamente oculta. Foi uma transformação do próprio Orlando que lhe ditou a escolha das roupas de mulher e do sexo feminino. E talvez nisso ela estivesse expressando apenas um pouco mais abertamente do que é usual – a franqueza, na verdade, era a sua principal característica – algo que acontece a muita gente sem ser assim claramente expresso. Pois aqui de novo nos encontramos com um dilema. Embora diferentes, os sexos se confundem. Em cada ser humano ocorre uma vacilação entre um sexo e outro; e às vezes só as roupas conservam a aparência masculina ou feminina, quando, interiormente, o sexo está em completa oposição com o que se encontra à vista. Cada um sabe por experiência as confusões e complicações que disso resultam [...]. (WOOLF, 2008: 124-5)

Essa perspectiva expressa por Virginia Woolf sobre a sexualidade e a diferença sexual, que também pode ser compreendida contemporaneamente como o sistema normativo de sexo-gênero, transpassa toda a obra, tanto em relação a Orlando como também para com outros/as personagens, pois neles sempre haverá alguma característica que transborda o sistema sexo-gênero. Assim, Orlando muda frequentemente o vestuário, confundindo e embaralhando os gêneros e transgredindo normas. Para o/a narrador/a: “(...) não tinha dificuldade de em sustentar o duplo papel, pois mudava de sexo muito mais frequentemente do que podem imaginar os que só usaram uma espécie de roupas.” (WOOLF, 2008: 146)

Somente no século XIX chega o veredicto sobre as pendências jurídicas e o parecer sobre o verdadeiro sexo de Orlando. “Meu sexo – leu em voz alta, com certa solenidade – é declarado, indiscutivelmente e sem sobre de dúvida (que dizia eu há um minuto, Shel?), feminino.” (WOOLF, 2008: 169) Shel também perguntava a Orlando se ela não seria um homem. O parecer veio na forma de documento, com lacre, selos, fitas e assinaturas, demonstrando assim que autoridades no assunto haviam finalmente decidido o verdadeiro sexo de Orlando.

Tal como Orlando, Herculine Barbin também teve o seu verdadeiro sexo atribuído por meio de uma autoridade médico-jurídica. (FOUCAULT, 1983) Entretanto, diferentemente de Orlando, Herculine Barbin, que se sentia confortável como mulher e entre mulheres, ao ser declarada um homem precisava aprender um modo de vida que não lhe pertencia. Orlando cruzou séculos e sua quase imortalidade lhe garantiu que fosse sempre estrangeiro, habitando os tempos com um distanciamento que permitia as indefinições. Herculine, prisioneira do século XIX, só habitara esse momento sombrio descrito por Virginia Woolf como nebuloso e úmido. Este é o momento em que se distribuíram os corpos, colocando-os obrigatoriamente

na norma sexual, como descreveu Michel Foucault. O nome Orlando permaneceu o mesmo sem qualquer susto ou problema – *lord* Orlando ou *lady Orlando*; já Herculine, ao ser declarado homem, foi obrigada/o a ter outra identidade e passou a ser Abel Barbin (FOUCAULT, 1983: 85).

A experiência transexual contemporânea demonstra a importância do nome social, isto é, um nome que acolhe e produz pertencimento ao gênero ‘escolhido’.² A utilização do nome social de travestis e transexuais é uma questão importante trazida pelos próprios coletivos sociais. Embora já reconhecido em algumas instituições e motivo de projetos de leis e decretos, o nome social permanece como um tabu. Em se tratando da experiência escolar, o nome social aparece como um fator de distúrbio da ordem. Orlando, diferentemente das experiências contemporâneas normativas da transexualidade, é a construção literária da não domesticação, da desnaturalização ou ainda da resistência à normatização da sexualidade, talvez porque pareça ser imortal e assim atravesse os tempos sem ser contaminado por eles. No final do texto, quando um pássaro sobrevoa sua cabeça, Orlando grita: *É o ganso (...) – o ganso selvagem...* ‘Selvagem’ é o seu não-lugar em um mundo que para ele permanece em aberto, um lugar em que nada está concluído.

Referências:

- BENTO, Berenice Alves de Melo **A (re) invenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Rio de Janeiro: Garamond/CLAM, 2006.
- BUTLER, Judith. **Deshacer el gênero.** Barcelona: Paidós, 2006.
- BUTLER, Judith. **La cuestión de la transformación social.** In: BERCK-GERNSHEIM, Elizabeth.; BUTLER, Judith.; PUIGVERT, Lúdia. **Mujeres y transformaciones sociales.** Barcelona: El Roure, 2001.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo.** In.: LOURO, Guacira Lopes. (org.) **O corpo educado.** Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais.** SP: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber.** 5ª ed. São Paulo: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- KAVIOLA, Karen. Re-visiting Woolf’s representation of androgyny. **Tulsa Studies in Women’s Literature.** V. 18. n. 2, 1999, p.235-261.
- KNOPP, Sherron. If I saw you would you kiss me? Sapphism and the subversion of Virginia Woolf’s Orlando. **PMLA.** V. 103, n. 1, 1988, p. 24-34.
- WOOLF, Virginia. **Orlando.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

² É importante ressaltar que a idéia de escolha é sempre muito frágil, pois as experiências transexuais demonstram múltiplas formas de estar no mundo como homem e mulher.